

O compromisso com a formação inicial contra as formas de qualquer discriminação

The commitment to initial teacher training against any forms of discrimination

Resumo

Os cursos de formação inicial de professores têm sido alvo nas discussões a respeito das exigências legais, da forma como é desenvolvida essa formação nas instituições de ensino superior e do compromisso com a responsabilidade social do futuro profissional docente. Este trabalho é um estudo de caso a partir do recorte evidenciado pela interculturalidade emergente de um conjunto de aulas interdisciplinares nos cursos de formação professores nas áreas da Física, Biologia e Pedagogia. A estratégia da codocência é a marca relevante das aulas de uma disciplina de estudo e desenvolvimento de projetos, dada em conjunto para alunos e alunas desses cursos por duas professoras de diferentes áreas do conhecimento científico (Física e Biologia) que trabalham em um laboratório de ensino. Os diálogos entre os atores participantes desse trabalho foram objetos de análise que apontaram significados para que os estudantes participantes possam construir projetos educacionais para reduzir as desigualdades sociais no planeta

Palavras chave: formação inicial, ensino de ciências, codocência, interculturalidade

Abstract

The initial teacher training courses has been targeted in discussions on legal requirements, how this training is developed at universities and commitment to the social responsibility of the future professional teacher. This work is a case study based on the clipping evidenced by the emerging interculturality of set classes in the interdisciplinary teacher training course in Physic, Biology and Pedagogy areas. The co-teaching strategy has relevant course brand of composed of two teachers from different scientific knowledges areas (Physic and Biology) that work at teaching laboratory. The speeches between participating actors were objects of analysis that indicated meanings for others researchers can build our education projects to reduce social inequalities on the world.

Key words: initial teacher training, science teaching, co-teaching, interculturality

Introdução:

Entendemos que a sala de aula pode ser considerada um território crítico para refletir sobre o conhecimento que oportuniza ao sujeito em formação desenvolver as suas habilidades sociocientíficas para colaborar na construção social de um mundo melhor. Entretanto, é na sala de aula que o conjunto de estudantes nos oferece diversidade de pensamentos ideológicos e filosóficos que se misturam no espaço e tempo, estabelecendo conflitos.

Este trabalho parte das tensões entre licenciandos em formação inicial durante discussões sobre ciência, religião, crença, gênero e etnia em uma instituição pública de ensino superior na cidade do Rio de Janeiro, quando os estudantes de 3 cursos – Física, Biologia e Pedagogia - foram apresentados à perspectiva interdisciplinar sobre a origem da vida em uma disciplina.

Uma formação docente que signifique desenvolvimento profissional deve estar “conectada a lutas mais amplas por justiça social e contribuir para a diminuição das lacunas na qualidade da educação” (ZEICHNER, 2008). Este estudo de caso trata da vida na Terra em uma plenária que se dividiu em três momentos: o primeiro destinado ao levantamento de ideias; no segundo perguntas abertas sobre a permanência ou supressão de teorias acerca do tema surgidas ao longo da história; no terceiro intervenção estruturada pelas formadoras para enfrentar os conflitos dos dois momentos anteriores. Para gerar reflexões em prol de uma sociedade plural que respeite os Direitos Humanos, elaboramos a pergunta de pesquisa: Como pode o formador colaborar para a desconstrução da prática de preconceitos na sala de aula?

Codocência

A codocência é uma oportunidade de agir entre pares na formação de professores, possibilitando a co-aprendizagem dos formadores em abordagens interdisciplinares, desde a escola básica até as licenciaturas (ROTH; BOYD, 1999). A forma de introduzir a Interculturalidade contra a intolerância amplia o leque de codocentes.

Percurso Metodológico

A videogravação de um conjunto de 3 aulas gerou enunciados em episódios vividos por duas formadoras (uma de Biologia, BIO, e outra de Física, FIS) e os licenciandos (B_n, 5 alunos de Biologia, F_n, 4 alunos de Física e P_n, 6 alunos de Pedagogia).

A escolha por analisar enunciados está relacionada à possibilidade de explorar as reações de uma situação problema que se desenvolve dentro de outra por meio do processo dialógico entre os atores envolvidos no processo de formação. Para BAKTHIN (2006), “*cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados*”:

... toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão *de um* em relação ao *outro*... (BAKTHIN, 2006, p.117).

Vale ressaltar que todo enunciado é uma escolha e está carregado de valor:

... não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 2006, p. 98/99).

Análise dos Enunciados

Primeiro momento: Apresentação do tema Origem da Vida. As formadoras iniciam:

- *Hoje, nós temos um assunto que desperta curiosidade nas pessoas...qual foi a origem da vida?* (FIS)

Instantaneamente, houve reação de surpresa da turma e P₁ comentou:

- Um tema bem delicado!

Em seguida, B₁ se dirigindo à turma:

- Então, acho melhor deixar o pessoal da Física ou da Pedagogia começarem, porque o pessoal da Biologia já tem a sua posição sobre isso.

Podemos notar em B₁ a ideia de Gênero de Discurso, formado pelos tipos relativamente estáveis de enunciados associados a esferas da atividade humana. Para B₁ seus colegas possuiriam as mesmas posições teóricas, devido às especificidades da área. Como afirma Bakhtin (2006), os enunciados são correias de transmissão entre a história do grupo social e a história da linguagem.

F₁ se dirige a B₁:

- Então começa por você mesmo!

B₂ tenta alterar a pergunta:

- Antes de explicar sobre a origem da vida, poderíamos fazer a pergunta: o que é vida?

Nesse momento, P₂ apresenta a origem da vida segundo um povo africano e B₂ traz o mito de um povo indígena; B₁ traz a ciência:

- Vida é tudo que responde a estímulos e tem metabolismo.

Ao mesmo tempo em que as formadoras perguntam a B₁ a que metabolismo ele se refere, F₂ refuta B₁:

- Estímulo é muito amplo, há muitas coisas que podem significar estímulos. Por exemplo uma carga em um campo elétrico, a matéria em um campo gravitacional.

B₁ interrompe F₂:

- Não! Isso não é vida não.

P₁ pede a palavra:

- Então, eu acho que vida é luz.

B₁ interrompe P₁, sustentando seu enunciado inicial:

- E luz é estímulo.

P₁ diz a B₁: - “você está falando há duas horas e não tem nada represado”. Sorri e retoma a fala:

- É você atender, é você liberar... Ele me interrompeu. Vida para mim é luz em uma concepção filosófica que eu tenho mais ou menos a ideia. É que a partir do momento em que você está inserido no contexto social é que te mostrar essa luz. Ai, você tem os ensinamentos fazendo parte dessa sociedade. Então para mim, vida é luz. Não basta você ser integrado naquele meio. Você tem que fazer parte daquele contexto. Então, vida é isso.

FIS e BIO comentam que a fala de P₁ se volta para a inclusão social e destacam o fato da luz ser indispensável à própria vida natural no planeta. BIO confirma ser filosófica a perspectiva de P₁, com um olhar voltado para um ser humano podendo percorrer caminhos iluminados pela educação, sendo assim inserido na sociedade.

B₁ traz a voz do seu grupo social religioso, dizendo acreditar no criacionismo e afirmando em seguida:

- Hoje, uma criança de 8 anos tem que lidar com as questões sobre gênero e com uma diversidade de assuntos que quando eu era criança, nunca precisei estar exposto a isso. Então, essa diversidade de situações, como o movimento negro, o movimento feminista, movimento disso e movimento daquilo. Então, as pessoas estão querendo se defender ao invés de agrupar-se. Nós, seres humanos, estamos tornando a vida mais difícil e eu acho que isso é que tem influenciado os altos índices de depressão, altos números com complexos disso ou daquilo e que antes a gente não via acontecendo na sociedade.

Em resposta a B₁, FIS afirma que realmente não se via porque estavam escondidos na sociedade, silenciados. Trazemos novamente Bakhtin para enfatizar que os silêncios também são respostas ao bloqueio da interanimação de vozes. Dando voz aos alunos, como protagonistas, é então instaurado um conflito e P₁ se dirige a B₁:

- Eu não consegui entender muito bem não. Mas, você está querendo dizer que as discussões com as minorias afastam as minorias?

B₁ nega ter afirmado isso:

- Evito até entrar nos debates com a minha turma, porque vejo resistência das pessoas ouvirem o que você está propondo. Pois todo mundo puxa a sardinha para o seu lado e aí você fala alguma coisa, por exemplo: eu disse aqui que tive quase 7 anos de cultura Afro na escola e quase me atiraram pedras.

BIO questiona:

- De que teologia estamos falando? Hoje, nós falamos de uma teologia aqui, pois P₁ acabou de apresentar a origem da vida por meio dos mitos africanos, B₂ nos trouxe esse mesmo assunto pelos mitos indígenas. E eu estou falando de uma hegemônica. Mas, se a gente for pensar bem, isso é determinado por um conjunto de fatores dominantes. E, alguém pode chegar lá na cultura africana e perguntar por que a minha é melhor que a sua? Não é magia.

B₁ se contrapõe a BIO, dizendo que não é magia e sim outra coisa. No mesmo instante, F₁ se posiciona na discussão:

- Eu não acho que debater seria separar as minorias. A partir do momento que você quer debater um assunto, mas não quer ouvir o que o outro tem a dizer. Vou exemplificar: eu quero achar que há uma religião que seja soberana sobre todas as outras. Aí, começam a surgir as separações, porque você quer explicar o seu ponto de vista para uma pessoa que não quer entender o seu. Se você estiver disposto a conversar, já está aberto um canal para entender e respeitar, por exemplo: eu gosto de menina e você gosta de menino. Vamos respeitar que eu tenho uma opção e podemos ser amigos do mesmo jeito. Eu acho que é o respeito e a tentativa de entender o outro e não de separar as coisas. É isso que estamos passando, ao invés de dialogarmos, as pessoas não estão nem um pouco a fim. É só olhar para o cenário político que estamos vivenciando,

A discussão sobre a origem da vida recai sobre o criacionismo e B₁ argumenta superficialmente, quando F₁ o contesta:

- Sou agnóstica, porém criada dentro de uma igreja evangélica desde criança e dizia ao meu pai que não acreditava em Deus e que não existia nada. Eu sempre pensei cientificamente e se eu quiser defender uma ideia, acreditando ou não nela, eu vou precisar como a pessoa estava pensando.

Então assim, eu sou agnóstica e você, cristão, não está falando nada.

B₁ alega, com argumento de autoridade, que não é teólogo e que havia dito que os estudiosos em teologia acreditam em Gênesis II:

- Eu não estou dizendo que F₁ está sendo ofensiva, mas ela está dizendo que eu tenho que defender. Mas, eu só estou expondo o que os grupos de teólogos pensam sobre a origem da vida.

F₁ diz a B₁ que, se ele é um cristão, deveria ter lido a bíblia para defende-la, assim como ela leu para refutar. E a sobreposição de vozes faz com que P₁ entre no confronto com B₁:

- Olha só B₁, não silencia mulher não, deixe-a terminar de falar! Não silencia mulher não! (P₁)

- Se ela fosse mulher, se ela fosse homem, eu continuaria da mesma forma. E agora, ela está dizendo que estou silenciando mulher. (B₁)

- Você silencia as duas formadoras o tempo todo! Silencia F₁! Silencia a mim e a turma toda! Dê um tempo. (P₁)

FIS e BIO aguardam os ânimos se acalmarem sem interferir e entregam um texto com teorias sobre a origem da vida, anunciando que o tema será debatido na próxima aula.

Segundo momento: Aprofundando o tema.

Ao solicitarem que os alunos exponham suas ideias a respeito do texto, BIO e FIS estranham que P₁ não queira participar. Imediatamente B₁, rindo, diz que não iria responder também, por conta da incompatibilidade de opiniões na última aula. Alega ter sido atacado por P₁ e F₁. BIO e FIS insistem na participação de todos, quando o conflito se instaura novamente entre P₁ e B₁, em tom alto:

- Não é atacar e sim silenciar. É bem diferente. É silenciar e não é deboche, ainda mais vindo de um homem! Tem muitas mulheres que ouvem você debochar e acabam ficando caladas e oprimidas para o resto da vida. Isso não é engraçado! E eu não sei porque você está rindo. Silenciamento feminino não é engraçado, ele faz parte da minha luta como mulher. E ele não é engraçado! Se você acha graça, eu sinto muito, porque é ridículo! (P₁)

- Não é ridículo! Igualmente! (B₁)

- Sim, você já se demonstrou racista, machista, misógino, preconceituoso e se acha superior a qualquer outro ser. (P₁)

- Ela é desagradável! (B₁)

- Sou super desagradável. Uma coisa que eu sou é desagradável. Sabe por que? Porque eu não fico quieta. Eu falo para a pessoa o que ela não quer ouvir. Por isso, eu sou desagradável. Aprenda a conviver com pessoas assim. Aí, eu quero ver se tornar esse tipo que você é. (P₁)

Ao indicar que o silenciamento faz parte da luta como mulher, fica claro que esse silêncio é uma forma de resposta, ou seja, um silêncio bakhtiniano de vozes caladas (AMORIM, 2002).

Terceiro momento: Trazendo aportes teóricos para enfrentar o conflito.

Ao constatar marcas de intolerância, FIS prepara e apresenta em slides o quadro teórico sobre Educação e Diversidade Cultural, com autores que iluminam a discussão em direitos humanos: (CANDAU,2011; SANTOS, 2003; ANDRADE, 2014; MENEZES,2012):

- Existem diferenças que são silenciadas no cotidiano escolar. Na escola parece que todo mundo tem que sair dali igualzinho... (FIS).

- *Interculturais. Sabemos que há várias culturas na escola. O termo poderia ser multicultural, mas o problema da multicultural é porque parece politeísmo, onde cada cultura com seu Deus independente, mas culturalmente não conversam. A Interculturalidade prevê uma inter-relação: um com o outro.* (FIS).

- *Nós devemos educar para a igualdade ou para a diferença?* (FIS).

FIS traz Boaventura de Souza Santos: “*temos o direito como seres humanos de sermos iguais quando a diferença vem para nos inferiorizar*”. E temos o direito de ser diferentes “*quando a igualdade pasteuriza e nos torna invisíveis socialmente*”. Acrescenta que o Brasil há 15 anos vem avançando nos aspectos jurídico e político, por meio de ações afirmativas. Cita a Lei das Cotas e a 10645, como exemplos. Afirma que, todavia, mesmo com esse avanço, isso não quer dizer que resolvemos o problema da discriminação:

- *Por exemplo: Ah! Eu não vou falar sobre isso, porque senão vai trazer revolta. Acabou isso. O educar para nunca mais é uma novidade, ou seja, falar o que houve, trazer a memória e criar museus sobre esses temas para que isso não se repita historicamente.* (FIS)

BIO relata a existência de museus não só aqui no Brasil, mas no mundo, como na África do Sul - museu do Apartheid- em que a entrada separada para brancos e negros é chocante e na Alemanha- museu do Holocausto- no qual são mostradas as atrocidades do nazismo com os judeus. Por isso precisamos educar para nunca mais (CANDAU, 2011).

FIS refere-se em seguida ao problema do silenciamento, que não está relacionado à incapacidade da fala do outro, mas à negação de fala (ANDRADE, 2014). BIO interage:

- *É dar espaço, né? Dar espaço para o aluno falar. Quem está em sala de aula termina perdendo esse exercício, por exemplo, simplesmente de perguntar. Todo mundo fica quietinho e ninguém pergunta. Isso é em todo o lugar.* (BIO).

FIS esclarece que as diferenças não se calaram e os movimentos sociais começaram a surgir por todo o mundo, elaborando leis para que os ‘diferentes’ sejam ouvidos. Remetendo ao conflito dos momentos anteriores, pergunta:

- *É possível desenvolvermos uma capacidade de diálogo? Complicado! A gente às vezes se depara com situações, nas quais um não quer mais olhar para a cara do outro. Essa realidade traz novos desafios para a escola, que não se restringem ao desafio apenas de ensinar as Leis de Newton ou a Teoria de Darwin. Esse é o grande desafio!* (FIS).

FIS pergunta:

- *E como fazer? Um currículo não é só constituído de conceitos, mas também de procedimentos e de atitudes. A escolha dos conteúdos deve estar relacionada aos valores que queremos construir.*

FIS avança:

Eu tenho de alguma forma que me sensibilizar pela situação do outro. O ponto central continua sendo o diálogo como mediador do discurso. É difícil fazer isso? É difícil, mas é impossível? (FIS).

FIS apresenta a ideia de Menezes (2012):

Ora, a visão astrofísica do cosmo pode e deve constituir nosso “mito de pertencimento” a uma civilização que se fundou sobre a ciência. (MENEZES, p. 200, 2012).

Dessa forma, o ensino de ciências intercultural precisa se preparar para ampliar essa dimensão humana do que significa a ciência dentro da vida das pessoas. FIS acrescenta:

- Assim como os africanos têm os seus mitos da criação, nos quais a vida desses povos tem uma relação com a Astronomia, hoje em dia, a ciência que estudamos na escola passou a ter essa função. Então, se as pessoas estiverem alienadas sobre essas questões, elas acabam não pertencendo a esse humano que nos cerca. Não só a história pode trazer coisas legais, pensar no futuro com a Ciência também pode. (FIS).

Menezes nos permite sintetizar o contexto que relaciona um ensino de ciências à sociedade:

Se no exercício de nossa profissão de professores de ciência não pudermos buscar transcender a pobreza material e a mediocridade intelectual, decorrentes de uma conformação com desigualdades perversas ..., qual o real sentido de sermos educadores? (MENEZES, p. 200, 2012).

Com a necessidade de fazermos diferente daquela escola que não acompanhou as mudanças com o tempo, a interdisciplinaridade e a codocência permitem buscar oportunidades para o desenvolvimento de projetos educacionais que possam enfrentar os problemas relacionados com as desigualdades e as intolerâncias sociais. A aquiescência dos alunos ao corpo teórico apresentado encerrou as manifestações conflituosas e permitiu o encerramento da disciplina.

Considerações

O trabalho de investigação sobre a formação de professores oportunizou analisar a ação das formadoras em codocência a partir do conflito na busca de um caminho científico e pedagógico que pudesse mostrar a contramão de qualquer forma de discriminação.

Referências

- AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, 2002.
- ANDRADE, M. Educação intercultural e Ética no Discurso: o diálogo com um fundamento. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, volume 19, nº 1, p. 01-282, 2014.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CANDAU, V. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.
- MENEZES, L. C. de. Física para a escola do século XXI–cultura, trabalho, ambiente e energia. **A pesquisa em Ensino de Física e a sala de aula: articulações necessárias**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, p. 197-200, 2012.
- ROTH, W.; BOYD, N. **Co-teaching, as co-learning, is praxis**. Research in Science Education, v. 29, n. 1, p. 51-67, 1999.
- SANTOS, B.; NUNES, J. A. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. **Reconhecer para libertar. Os caminhos do cosmopolitismo multicultural**, 2003.
- ZEICHENER K. M. **Uma Análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente**. In: Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 29, n. 103, p. 535-554, maio/agosto, 2008.